



Era uma vez Ninguém
e ninguém mais.

Ninguém estava sozinho.

Ninguém não estava só sozinho.
Ninguém também não tinha
com o que brincar,
e nenhum lugar
para ir.

Uma maravilhosa história de amor
sobre o começo de tudo.



hedra
educação

101

Bart Mertens Benjamin Leroy

Ninguém e eu

Ninguém e eu

Tradução • Jorge Sallum

hedra
educação

Conversando com varejeiras azuis

Edward Lear

Sumário

1 Sobre o livro	2
2 Sobre o autor e a tradutora	3
3 Sobre o gênero	5
4 Atividades	8
4.1 Pré-leitura	8
4.1.1 Atividade 1	8
4.2 Leitura	9
4.2.1 Atividade 1	9
4.2.2 Atividade 2	11
4.3 Pós-leitura	12
4.3.1 Atividade 1	12
4.3.2 Atividade 2	13
5 Sugestões de referências complementares	14
6 Bibliografia comentada	15
6.1 Livros	15
6.2 Vídeos	16

Carta ao professor

Esperamos, com este material, auxiliar os professores no trabalho com o *Ensino Fundamental I* em sala de aula. *Conversando com varejeiras azuis*, de Edward Lear, é um livro singular por vários motivos e possibilita atividades didáticas interessantíssimas, como vocês acompanharão a seguir. Edward Lear é um autor central da *literatura nonsense*, cujas obras escapam à lógica e à racionalidade tradicionais, característica cara aos estudantes.

Começando com um conto que apresenta a aventura de crianças viajando ao redor do mundo a bordo de um barco, este livro proporcionará de fato uma viagem da mesma magnitude aos jovens em sala de aula. Receitas de pratos inventados com ingredientes imaginados, plantas que dão peixes e pássaros, personagens impossíveis... tudo tende ao lúdico.



ARAUCÁRIA
edições

OBRAS

978-65-994481-9-5 (ESTUDANTE)
978-65-84713-01-7 (PROFESSOR)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jorge Sallum

Suzana Salama

Felipe Musetti

EDIÇÃO

Paulo Henrique Pompermaier

Renier Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Ana Lancman

Nathalia Tomaz

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

EdLab Press

LICENÇAS

CC-BY-NC 3.0 BR

ARAUCÁRIA EDIÇÕES

Estrada Principal da Samabaia, 4479

• 95400-000

São Francisco de Paula RS

55 11 991876080

letigfernandes@gmail.com

As atividades que aqui propomos têm como objetivo aproveitar as sugestões feitas pelo próprio livro, desenvolvendo os aspectos que dizem respeito à criatividade na relação com as linguagens e os conhecimentos científicos atrelados às situações que são apresentadas.

Esperamos, professores, que este material sirva como um guia para seu trabalho em sala de aula. Já contamos, no entanto, com as adaptações que surgirão organicamente na recepção do mesmo por vocês, que possuem trajetórias e escolhas didáticas específicas, bem como no contato com os alunos, que tanto têm a oferecer para o enriquecimento da experiência didática.

Boa aula!

1 Sobre o livro

Conversando com varejeiras azuis é um livro que reúne as principais obras em verso, prosa e desenho de Edward Lear. Ao todo, são 22 obras, algumas em prosa, outras em verso, divididas em seis partes:

- “A história de quatro criancinhas que deram a volta ao mundo” é um conto sobre as aventuras *nonsense* vividas por um grupo de crianças que, sozinhas, dão a volta ao mundo a bordo de um barco;
- “Culinária *nonsense*” como o próprio nome diz, são receitas de pratos e ingredientes inventados;
- “Algumas espécies da botânica *nonsense*” seguindo a lógica das receitas inventadas, aqui são seres vivos frutos de uma mistura entre elementos da natureza vegetal e da natureza humana que são apresentados;
- “Limeriques” são poemas de quatro ou cinco versos acompanhados de ilustrações que contam situações inusitadas e fantásticas;
- “O cinturão” é um “poema indiano” feito durante a estadia do autor na Índia e conta a história de um monstro que engoliu donzelas indefesas; e, por fim,
- “O popular autor e viajante na Albanya e Calabrya, mantendo seus pês aquecidos”, um divertido poema formado por enumeração e ilustração, com uma linguagem intencionalmente estranha – mantida na tradução para o português.

2 Sobre o autor e a tradutora



Figura 1: Edward Lear (Domínio público)

O autor Desenhista, pintor, escritor e músico, Edward Lear nasceu em Londres, em maio de 1812. É considerado, junto a Lewis Carroll, autor de *Alice no país das maravilhas*, um dos criadores da literatura *nonsense* da era vitoriana. Ainda jovem, Lear deixou a Inglaterra devido a uma saúde debilitada: sofria complicações respiratórias como asma e bronquite, além de um quadro epiléptico que o acompanhou durante toda a vida. Tais problemas desencadearam no autor ainda muito cedo, por volta dos oito anos, sintomas depressivos. Lear sentia-se envergonhado perante a comunidade principalmente por conta das crises de epilepsia. Seus pais logo decidiram, portanto, que ele deveria viver numa região de clima mais ameno.

Essa mudança precoce e sua ida à Itália, aos 25 anos, onde permaneceu por muito tempo, desenvolveram uma característica que muito particular em sua personalidade: o sentimento de expatriado. Em sua cidade natal, Londres, ele era visto como um estrangeiro que só vê à cidade no verão; já em Roma, era um inglês, um turista qualquer que visita a cidade no inverno.

Edward Lear sempre fez questão, porém, de reafirmar sua identidade nacional: era inglês. Na introdução do livro, *Dirce do Amarante* lembra que, nas palavras de um estudioso, ainda que Lear pudesse ler e conviver com os estrangeiros, ele não podia *conversar* com eles.¹ Esta observação é fundamental para entender o olhar de Lear em sua produção artística.

Próximo à Coroa britânica, chegando mesmo a ser professor particular da Rainha Vitória à época da publicação de suas *Excursões ilustradas na Itália*, de 1846, Lear carregava consigo algo do olhar imperialista britânico, então no auge de sua expansão. Viajou para muitos dos territórios do império, com o intuito de buscar fontes de inspiração para suas ilustrações. De certo modo, a caricaturização e o “sem sentido” das personagens de sua obra podem ser um reflexo de sua incapacidade, herdada do projeto civilizatório do Império Britânico, de perceber os indivíduos locais em pé de igualdade.

No entanto, essa relação é mais complexa do que parece. Bem como seu próprio pertencimento à identidade britânica carrega am-

¹ AMARANTE, Dirce Waltrick do. “Volta ao mundo com Edward Lear” in *Conversando com varejeiras azuis* p. 14.

biguidades, seu posicionamento também o faz. Dirce do Amarante diz que:

Na obra de Lear, a sociedade inglesa é representada pelo pronome “eles”. E, “eles”, como afirma o escritor Aldous Huxley, “são ‘a força da opinião pública’”, que “sem exceção, odeia excentricidades”. Contudo, nos textos de Lear, não há uma defesa da sociedade repressora, tampouco do cidadão reprimido; o artista inglês apenas enfatiza a tensa relação e, às vezes, muito ocasionalmente, uma harmonia entre eles.²

Em sua lista de obras publicadas encontram-se *Ilustrações da Família de Psittacidae, ou Papagaios*, de 1832, *Visões em Roma e seus arredores*, de 1841, *Um livro de nonsense*, de 1846, *Excursões ilustradas na Itália*, de 1846, *Tortoises, Terrapins and Turtles*, de 1872, *Laughable Lyrics*, de 1877, *Botânica nonsense*, 1888, entre outros.

A literatura *nonsense* É provavelmente do livro de Edward Lear intitulado *Um livro de nonsense*³, de 1846, que tenha se originado o então estabelecido termo *nonsense* na literatura.

De modo geral, a literatura *nonsense* se caracteriza por uma recusa às normas da lógica e da razão, presente inclusive na linguagem, e uma abertura à criatividade na forma de enxergar o mundo e de escrever.

O vezo da significação, da evocação e elaboração de sentido já está por demais arraigado na linguagem. O que se tenta fazer *nonsense* é driblar o sentido, por meio da justaposição de sentidos parciais e opostos, do solapamento e embaralhamento das várias camadas comunicativas. Não se podendo evitar a criação de sentido, tenta-se evitar seu assentamento a todo custo.⁴

As personagens da literatura *nonsense* possuem a característica de serem extremamente solitárias. Via de regra, são indivíduos que se encontram frente a todo um grupo. Mas essa solidão não é expressa de modo lírico ou romântico. Ela não leva o leitor à comoção. O *nonsense* não precisa do emocionalismo. A natureza dessa solidão é a incomunicação, ou seja, a solidão se dá pela incapacidade da linguagem de estabelecer ou promover comunicação

²Ibidem. p. 18.

³A book of nonsense, no original.

⁴ÁVILA, M. *Rimas e Solução*. p. 115–116.



Figura 2: Ilustração presente no *livro de nonsense* de Edward Lear. (CC BY 2.0).

Por fim, o *nonsense* é criado por uma linguagem que modifica a realidade. Ou seja, a linguagem precede a realidade, criando as regras segundo as quais esta vai funcionar.

Uma época de contradições A Era Vitoriana compreende o período em que a rainha Alexandrina Victoria (1819–1901) esteve no trono do Reino Unido da Grã-Bretanha. Trata-se de uma época, no mínimo, contraditória. Por um lado, testemunhou-se o assentamento do Império Britânico e o auge da Revolução Industrial; por outro, produziu-se uma verdadeira legião de miseráveis, explorada como mão de obra barata, que vivia amontoada em moradias de péssima qualidade, tornando-se alvo de doenças infecciosas e epidemias derivadas da falta de higiene e da população excessiva.

Mesmo entre as classes abastadas, o paradoxo existiu, pois, sob a aparência de um arraigado apego à moral e à religião, havia uma clandestinidade em que a depravação, a luxúria e o espiritualismo eram comuns.

O estilo de vida modelar vitoriano assumiu um caráter controlador. Como diz Foucault na *Microfísica do poder*, os corpos passaram a ser disciplinados e vigiados, o que, na realidade, não impedia a transgressão das normas, pois os austeros chefes das famílias rendiam-se ao afloramento do desejo pelo proibido, frequentando bordéis secretamente. As prostitutas, geralmente vistas como anomalias, contraditoriamente, eram consideradas uma contrapartida indispensável à solidez familiar, uma vez que, ao entregarem-se a prazeres proibidos, dando vazão à sensualidade, os homens se tornavam mais aptos a exercer o papel social de esposos e pais.

A tradutora Dirce Waltrick do Amarante é ensaísta, tradutora e escritora. Para crianças, traduziu autores como Gertrude Stein, James Joyce e Eugène Ionesco. Publicou, entre outros livros, *As antenas do caracol: notas sobre literatura infantojuvenil* e *Pequena biblioteca para crianças: um guia de leitura para pais e professores*, todos pela editora Iluminuras. É professora do Curso de Artes Cênicas da UFSC e do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (UFSC).

3 Sobre o gênero

O gênero O gênero deste livro é o *conto*.

Descrição O que define um gênero narrativo é o fato de, não importa qual seja sua forma, eles *contarem uma história*. As especificidades do *como* esta história será contada é que qualificaram os tipos de gênero narrativo, que podem ser: conto, crônica, novela, epopeia, romance ou fábula.

Toda narrativa possui, necessariamente, um narrador, uma personagem, um enredo, um tempo e um espaço. O narrador, ou narradora, pode ser onisciente, literalmente *que tudo sabe*, observador ou personagem — categorias que não são excludentes. O discurso elaborado por este narrador ou narradora pode ser direto, indireto ou indireto livre — ou seja, ele ou ela pode aparecer mais diretamente ou mais indiretamente; no último caso, sua voz se mistura à das personagens da história.

O narrador **não é necessariamente** a voz do autor. É errada a afirmação de que o autor fala através do narrador de uma história. É bastante comum, há algum tempo na história literária, sobretudo desde os pré-modernistas, que o narrador represente justamente o contrário do que pensa o autor. Neste caso, utilizam-se elementos como a **ironia** para sugerir que o autor *não é confiável*.

Já as personagens variam quanto a sua **profundidade**. Há personagens planas, ou personagens-tipo, e personagens redondas, ou complexas. Personagens planas são facilmente repetíveis pois se amparam em lugares-comuns da cultura, como o vilão, o herói, a vítima, o palhaço, tudo isso com marcações de gênero e espécie — o herói tradicionalmente é um homem, a vítima, uma mulher, e o vilão, uma figura que se afasta da humanidade por alguma razão, às vezes sobrenatural. Personagens redondos, por outro lado, estão mais próximos das *pessoas reais*. Uma personagem complexa pode ser, em um dado momento da narrativa, vilã, e em outro, heroína. É importante notar como as visões de mundo, um traço cultural e portanto relativo, influenciam na caracterização das personagens, planas ou redondas, de uma história.

O tempo de uma narrativa pode ser cronológico ou psicológico. No tempo cronológico, o enredo segue a ordem “normal” dos acontecimentos, aquela marcada pelo relógio e pelo calendário. Os acontecimentos vêm um após o outro, e se delimita muito bem *passado*, *presente* e *futuro*. Já no tempo psicológico, segue-se uma ordem *subjetiva* dos acontecimentos, e portanto, *não linear*, já que a influência emocional e psíquica da subjetividade afeta a racionalidade do tempo cronológico.

O espaço, por fim, é o lugar onde se passa a narrativa. Dependendo do caso, ele pode funcionar mais como um pano de fundo, sem muita interferência no enredo, ou mais ativamente, aproximando-se das características das personagens e influenciando no desenrolar da trama.

O último aspecto de um gênero narrativo que podemos abordar é sua *extensão*. Dentre os elementos que distinguem um subgênero de outro, é fundamental o tamanho da história: uma crônica e um conto são *necessariamente* curtos, ao passo que uma epopeia e um romance são longos. Uma novela está no ponto intermediário entre um romance e um conto. Ainda poderíamos falar dos registros de cada subgênero: a epopeia é originalmente um subgênero *oral*, versificado, e metrificado, já o romance é tradicionalmente *escrito* em prosa. Desde meados do século XVIII, no entanto, o estabelecimento dos gêneros e subgêneros narrativos torna-se cada vez menos rígido, com as características cada vez mais fluidas e intercomunicativas.

Como o presente livro contém uma narrativa *curta*, finalizamos com as palavras de Luiza Vilma Pires a respeito do subgênero:

sob o nome de narrativa curta, estão situadas obras que apresentam uma trama um pouco mais complexa, que ocorre em diversos espaços e em uma temporalidade que pode ser de vários dias, semanas ou meses. Entretanto a função das ilustrações continua as mesmas, são complementares à história e contribuem para sua compreensão. Os temas relacionam-se a vivência infantis (brincadeiras, passeios, pequenas aventuras), a aspectos ligados à interioridade das personagens (busca de identidade, insegurança, medos) ou a relações interpessoais (desentendimentos familiares, entre amigos, solidariedade).⁵

⁵“Narrativas infantis”, de Luiza Vilma Pires Vale. In SARAIVA, J. A. (Org.) *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

4 Atividades

4.1 Pré-leitura

4.1.1 Atividade 1

BNCC	1	Educação Física
		EF35EF01
		Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural.
BNCC	2	Educação Física
		EF35EF01
		Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural.
BNCC	3	Arte
		EF15AR09
		Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.

Tema Brincando com o lúdico.

Conteúdo Introduzir os alunos e alunas ao trabalho com o universo lúdico a partir de brincadeiras de seu quotidiano ou não.

Justificativa A literatura *nonsense* presente na obra do escritor Edward Lear se caracteriza por uma abordagem subversiva da realidade. Para tanto, o autor inventa suas próprias regras para criar histórias, poemas, objetos e seres vivos. O *nonsense*, bem como o universo lúdico, estão ligados à área da criatividade, e por isso, os alunos e alunas devem estar inseridos neste contexto para ter uma boa aproximação da obra que lerão nas aulas seguintes.

Metodologia Propomos como brincadeira inicial a **mímica**. Num espaço apropriado, que pode ser a própria sala de aula com as cadeiras afastadas, o aluno ou aluna deve ir ao centro e imitar por meio de gestos o elemento que tem em mente. É interessante que se estabeleça a priori alguma categoria para que a brincadeira seja realizável, como por exemplo: animais, profissões etc.

Outra brincadeira que pode ser interessante neste contexto é o **cadáver esquisito**. Originado no começo do século xx na França sob a influência do movimento surrealista, trata-se da construção de uma história a partir de frases aleatórias.

Separe uma folha de papel. Mostre diferentes imagens que podem ser obras de artes, pinturas, fotografias etc. Cada aluno ou aluna deve escrever uma frase a partir do que vê na mesma folha. O mais importante é: cada vez que uma frase for escrita, o papel deve ser dobrado, de modo que o aluno ou aluna seguinte não veja o que foi escrito. Quando todos tiverem escrito sua frase, abra o papel e leia a história.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

4.2 Leitura

BNCC | **4**

Língua Portuguesa

EF04LP25

Representar cenas de textos dramáticos, reproduzindo as falas das personagens, de acordo com as rubricas de interpretação e movimento indicadas pelo autor.

4.2.1 Atividade 1

Tema Virando um chef de culinária *nonsense*.

Conteúdo Criar pequenas esquetes de teatro a partir das receitas de culinária *nonsense*.

Justificativa Esta atividade deverá trabalhar competências que dizem respeito, primeiro, à adaptação de um texto não dramático a um texto dramático, e depois, à experiência de encenação cênica. Deste modo, tanto competências linguísticas, sociocomunicativas e artísticas serão mobilizadas neste trabalho.

Metodologia No primeiro momento, o professor ou professora deve fazer uma leitura oral e conjunta com os alunos e alunas das três receitas da seção “Culinária *nonsense*” do livro.

Depois, separados em grupos, eles devem trabalhar os textos para apresentá-los como se fossem chefs de cozinha ensinando a fazer uma receita. Você pode perguntar se eles conhecem algum chef de cozinha, se assistem algum programa de culinária na televisão ou na internet. Caso alguém não tenha referência do assunto, mostre um vídeo de um chef ensinando a fazer uma receita.

Detalhes da encenação teatral devem ser pensados tais como **cenário, figurino e caracterização**.

- Como se chama este ou esta chef?
- Onde ele ou ela nasceu?
- Como ele ou ela se veste?
- Ele ou ela tem sotaque?

Além disso, deve se dar uma importância especial ao **texto** que deve ser **decorado**.

Para esta importante e desafiadora etapa, dê algumas dicas aos alunos que podem estar experimentando-a pela primeira vez:

- Ler o texto em voz alta;
- Escrevê-lo a mão;
- Ler e fazer um resumo com as próprias palavras;
- Pedir para alguém ler o texto para você;
- Gravar o texto e escutá-lo;
- Interagir com o texto por meio de gestos e expressões corporais;
- Fazer pausas durante a leitura.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.



Figura 3: Mapa da Islândia de 1609 feito Abraham Ortelius. (CC BY 2.0)

4.2.2 Atividade 2

BNCC

5

Geografia

EF04GE09

Utilizar as direções cardeais na localização de componentes físicos e humanos nas paisagens rurais e urbanas.

Tema Cartografia *nonsense*.

Conteúdo A partir do conto “A história de quatro criancinhas que deram a volta ao mundo”, criar um mapa onde se representem os lugares por onde passam as personagens da história.

Justificativa A cartografia é um instrumento da área da Geografia utilizado para criar mapas. Um mapa é uma representação gráfica e métrica de uma porção de território sobre uma superfície bidimensional, geralmente plana, embora também possa ser esférica como é o caso dos globos terrestres. Grosso modo, um mapa é uma leitura de uma região: uma cidade, um país, ou uma rota. À época da Idade Média e com o começo das Grandes Navegações, época de desenvolvimento da cartografia, era comum a presença de monstros marinhos em mapas tanto do mundo quanto de partes da Europa.

Será importante que alunos e alunas percebam como, ainda que o *nonsense* seja por definição um afastamento da realidade, nesta mesma realidade existem, em diferentes momentos da História, elementos que poderíamos chamar de fantasiosos. Desenhar um mapa, portanto, é antes de tudo uma atividade de criação que pode servir a fins diversos, mais científicos ou mais artísticos — ainda que um não negue o outro necessariamente.



Figura 4: Uma das criaturas ilustradas no conto de Edward Lear. (Retirado do livro).

Metodologia A partir do exemplo do mapa da Islândia e de outros que o professor ou professora pode facilmente encontrar na internet, peça aos alunos que criem uma representação cartográfica do conto que acabaram de ler. Eles podem se inspirar nas ilustrações de Edward Lear para desenhar as criaturas.

Ao fim da aula, todos devem apresentar o resultado do trabalho. Faça-os perceber como a **mesma referência, o conto que todos leram, pode dar origem a uma diversidade de produções — todas interessantes.**

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

4.3 Pós-leitura

4.3.1 Atividade 1

Tema Criação de uma história *nonsense*.

Conteúdo Elaborar individualmente uma história, seja em prosa ou em versos, na qual o *nonsense* seja o fio condutor.

Justificativa Após todas as atividades de sensibilização em relação ao lúdico e às possibilidades de criação por meio da linguagem, os alunos e alunas devem colocá-las em prática. Para isso, nada mais apropriado do que uma oficina de criação literária.

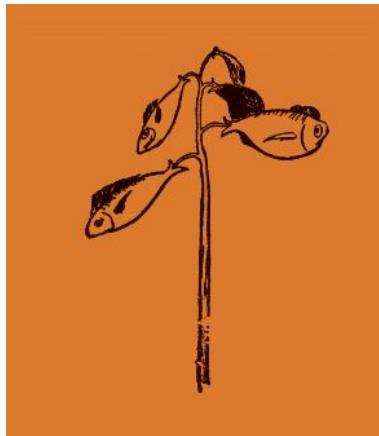


Figura 5: “Pé de peixes”, uma das espécies da botânica *nonsense*. (Retirado do livro).

Metodologia O ponto de partida pode vir de diversos lugares. Pode ser feita uma nova rodada do jogo **cadáver esquisito**, por exemplo. Outra possibilidade, é começar a partir de um estímulo visual, que pode ser inclusive as próprias ilustrações de Edward Lear no livro.

Os alunos e alunas devem ser estimulados a não só escrever mas também a ilustrar suas histórias. Conforme a relação com o texto, eles e elas devem criar suas próprias regras para a elaboração dos desenhos. Não precisam nem devem se preocupar em parecer realistas, mas antes, colocar a significação em risco — uma planta que, como frutos, dá peixes, ou pássaros, por exemplos.

Ao fim da atividade, os trabalhos serão apresentados numa roda de contação de histórias.

Tempo estimado Quatro aulas de cinquenta minutos.

4.3.2 Atividade 2

BNCC

6

Arte

EF15AR24

Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

BNCC

7

Língua Portuguesa

EF03LP13

Planejar e produzir cartas pessoais e diários, com expressão de sentimentos e opiniões, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções dos gêneros carta e diário e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

Tema Oficina de contação de histórias.

Conteúdo Organização de uma roda de contação de histórias com protagonismo dos alunos e alunas.

Justificativa Dando continuidade à atividade de teatralização das receitas na atividade de leitura, a contação de histórias trabalha competências que dizem respeito ao campo linguístico e sociocomunicativo. Ao contar uma história, o indivíduo se apropria do lugar do narrador e atua como cocriador da mesma. Além do conteúdo propriamente dito da história, toda a estrutura linguística e gramatical, a sintaxe e o vocabulário presentes no texto serão trabalhados. O grande diferencial desta atividade é que seu objetivo não está exclusivamente no exercício destas capacidades linguísticas.

cas, mas sim ligado a elas e à capacidade de **apresentar oralmente** um texto a um público. Fala e corpo estão totalmente ligados nesta atividade.

Metodologia Divida a turma em grupos que serão responsáveis pela organização da roda de contação de histórias.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.

5 Sugestões de referências complementares

Músicas e Vídeos

- “[Mafagafolândia](#)⁶”. Cia Mafagafos.
- “[Fabulário cantado](#)⁷”. Cia Mafagafos.

O espetáculo de narração oral cênica, teatro de animação e música “Fabulário Cantado” foi concebido pela Cia Mafagafos baseado em fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine. As histórias e músicas são narradas e executadas com o uso de bonecos, objetos e adereços, além de instrumentos musicais.

Livros

- BRAGA, Marília da Costa; BEZERRA, Adriano Alves. “A literatura fantástica como incentivo à leitura”. *Anais v ENLJE*. Agosto de 2014.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. “A literatura fantástica: gênero ou modo?”. *Terra roxa e outras terras. Revista de Estudos Literários*. v. 26. Dezembro de 2013.
- LAPLATINE, F.; TRINDADE, L. S. *O que é imaginário*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- LEÃO, J. O. “A literatura fantástica e a formação de leitores no século XXI.” *Revista Húmus*. Setembro a dezembro de 2011.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

⁶<https://www.youtube.com/watch?v=MYZm-aR2IJU>
Acessado em 21/11/2021.

⁷<https://www.youtube.com/watch?v=0tWcd7Xvbbs>
Acessado em 21/11/2021.

6 Bibliografia comentada

6.1 Livros

- ALBRECHT, Tatiana D'Ornellas. *Atividades lúdicas no Ensino Fundamental*⁸. Universidade Católica Dom Bosco, MS, 2009.

As atividades lúdicas, quando bem aplicadas e no momento oportuno, trazem grandes benefícios. Contudo, a grande maioria das escolas não utiliza esse instrumento. Por que será que existe essa resistência por parte das escolas e dos professores? Por que não adequar o lúdico ao cotidiano escolar de maneira prática, educativa e ao mesmo tempo divertida?

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

Consultar a BNCC é essencial para criar atividades para a turma. Além de especificar quais habilidades precisam ser desenvolvidas em cada ano, é fonte de informações sobre o processo de aprendizagem infantil.

- BANDOCH, Adriana Rodrigues Vieira. *A inserção do teatro nas séries iniciais do Ensino Fundamental*⁹. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2012.

O teatro no Ensino Fundamental é uma das formas de se trabalhar o conhecimento, pois nele há a possibilidade de o ser humano se integrar, vivenciar, expressar e criar situações, condições para novas aprendizagens éticas, sociais, culturais, históricas.

- VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Livro sobre as particularidades do livro ilustrado, que apresenta as diferenças entre o livro ilustrado e o livro com ilustração.

⁸<https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8072-atividades-ludicas-no-ensino-fundamental-uma-intervencao-pedagogica.pdf> Acessado em 21/11/2021.

⁹http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20738/2/MD_EDUMTE_II_2012_03.pdf Acessado em 21/11/2021.

6.2 Vídeos

- AMARANTE, Dirce Waltrick do. *Literatura nonsense para crianças: Edward Lear e Gertrude Stein*¹⁰. Fala da organizadora e tradutora do livro *Conversando com varejeiras azuis*, Dirce Waltrick do Amaral, em série de encontros acerca da Literatura Infantil. Neste encontro, cujo tema é a Literatura *nonsense*, a autora trata dos trabalhos de Edward Lear e Gertrude Stein.

¹⁰<https://www.youtube.com/watch?v=2hhvZFCfLlg>
Acessado em 21/11/2021.